

Brigadeiro diz que Miranda mente

O presidente da Comissão Coordenadora do projeto do Sistema de Vigilância da Amazônia, brigadeiro Marco Antônio de Oliveira, acusado pelo senador Gilberto Miranda de manipular os valores que envolveram a troca da empresa fornecedora de radares para o Sivam, está absolutamente inconformado com as denúncias do senador e tem uma versão diferente dos fatos que deixam Miranda em posição muito desconfortável.

Segundo ele, na conversa que os dois tiveram com o presidente da República em outubro, onde, de acordo com o senador, foi relatado a Fernando Henrique que havia uma sobra de dinheiro suspeita, o assunto principal não foi esse. O brigadeiro sustenta que ali Gilberto Miranda tentava convencer o presidente da República a autorizar a dispensa de licitação para a contratação das obras civis do projeto.

“Eu disse que não poderia deixar o presidente entrar neste tipo de jogo e o senador certamente saiu dali muito magoado”, relata o brigadeiro, que assegura que a troca da Westinghouse pela Martin-Marietta como fornecedora dos radares obedeceu a critérios de preço e eficiência. “Os radares da Westinghouse eram bons na década de 70, hoje são obsoletos. Os testes indicaram que os equipamentos da Martin-Marietta são tecnicamente muito superiores e modernos”, diz.

Ele não nega que em abril a Westinghouse, depois de preterida, enviou uma carta para o ministro da Aeronáutica, ao chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos e ao embaixador do Brasil em Washington denunciando manipulação. “Não tomamos conhecimento da correspondência porque não continha acusações consistentes e apenas levantava suspeitas, em termos grosseiros, sobre minha conduta à frente do projeto.”

A questão é a seguinte: Gilberto Miranda acusa a Aeronáutica de ter superfaturado em US\$ 89 milhões a proposta da Westinghouse, inicialmente de US\$ 78 milhões. Na planilha de custos apresentada pela Raytheon aparecia o custo de US\$ 165 milhões. A suspeita levantada pelo senador é a de que a sobra seria destinada ao reaparelhamento da força aérea.

De acordo com as explicações do brigadeiro, o preço final das duas empresas era semelhante, em torno de US\$ 116 milhões. Quando se falava em US\$ 78 milhões não eram considerados serviços e despesas adicionais. Que são as seguintes em números aproximados:

Foram destinados US\$ 4 milhões para a compra de três radares secundários, US\$ 188 mil a estações meteorológicas, US\$ 755 mil 900 para a ampliação do sistema de telecomunicações, US\$ 3,9 mil para assistência técnica, US\$ 3 milhões para manutenção dos equipamentos de logística, US\$ 28 milhões para a compra de helicópteros e equipamentos hospitalares, US\$ 117 mil foram usados na correção financeira do contrato original e com US\$ 6 milhões foi pago o seguro.

Faltaria ainda explicar a razão de a proposta original ser de US\$ 165 milhões e a final de US\$ 116 milhões. Segundo o brigadeiro, numa reavaliação do projeto foram feitos alguns cortes: de 14 radares se decidiu comprar apenas sete, o que permitiu uma economia de US\$ 29,6 milhões. O equipamento de sensoriamento remoto, que permite uma radiografia das áreas sob vigilância, também foi reduzido e, deste modo, foram cortados US\$ 4 milhões. No subsistema de navegação aérea houve uma redução de US\$ 8,9 milhões e, como por conta disso não seria mais necessário o gasto com treinamento, mais um corte reduziu o custo em US\$ 138 mil.

Na opinião do brigadeiro, todas essas informações já foram dadas a Gilberto Miranda, “que sabe perfeitamente onde a FAB vai gastar o dinheiro. Portanto, o que ele está fazendo é pura maldade”. O militar acredita que o senador esteja particularmente aborrecido com ele pelo fato de não ter recebido resposta a um fax com perguntas sobre o detalhamento dos gastos.

O brigadeiro diz que não respondeu por dois motivos: “Primeiro que, por uma questão de hierarquia, não posso me reportar ao senador. Essas questões deveriam ter sido encaminhadas ao gabinete do ministro da Aeronáutica. Segundo, contratos comerciais não são da competência dele.”

Sob a alegação de que sua condição de militar não o permite fazer avaliações políticas nem se estender em considerações que ultrapassem os limites dos dados técnicos, o brigadeiro não vai além nas suposições sobre as razões que levam o senador a fazer pesadas acusações à Aeronáutica. Apenas reafirma que mostra os dados, “para que não vigore uma versão mentirosa dos fatos”.